

Perna, ídolo, olho, céu.

A partir de 'A uma transeunte' de Charles Baudelaire

As ruas o entreposto onde obtínhamos e gastávamos,
nos bares bebíamos vinho, irmão do sono,
fervíamos a vida, inflamávamos o estômago.

I

Como um homem que na encosta do vulcão golpeia uma pedra
para revisitar a felicidade dos meses na perna nobre do ídolo,
e reconhece a sua força na vida pura,
peço água. Vem devagar às mãos a rosácea,
o gesso desloca a tua cara.

II

O olho da mulher é o lugar de nascença do tufão,
do seu peito escorrega a ramagem brava das veias,
o leitoso branco solar,
o seu sexo é a origem de muitas embriaguezes,
e o começo do renovo da erva.

III

Um raio... e depois noite, imensa e aberta,
por cima da carne da noite, uma auréola infernal,
por baixo o delta de águas subterrâneas,
de terroso vermelho, um fio de canto obscuro.

Sei de ti como o menino sabe da cabeça da cobra.

Acontece-nos a cultura de cabeça decepada:
Não podemos viver sob uma abóboda,
não aguentamos a presença do brilho.

Y. A. Lørne